

Integração Curricular das Tecnologias Educativas no Ensino da Língua Portuguesa: um blogue para desenvolver a leitura e a escrita

PAULO FARIA

Escola Básica Integrada de Vila Cova de Barcelos
pauloprofe@gmail.com

Resumo: A integração de ferramentas digitais na sala de aula na era da web 2.0 diversifica os recursos, permite a colaboração entre pares, confere centralidade ao aluno e proporciona-lhe um enriquecimento disciplinar, transdisciplinar e cívico. Para isso, é indispensável uma planificação adequada dos recursos a utilizar e da sua articulação transparente com os conteúdos.

Neste contexto, e com a brevidade característica de um artigo: i) reconhecemos a importância de uma alteração dos quadros teóricos e metodológicos no processo ensino-aprendizagem, ao nível do desenvolvimento de competências básicas no domínio da Língua Portuguesa; ii) apresentamos o blogue *Língua Portuguesa* salientando a sua contribuição para aumentar e melhorar a leitura e escrita de alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, blogue, ferramentas digitais, literacias, escrita, leitura, avaliação, colaboração

1. INTRODUÇÃO

No ano lectivo 2006/07 criei o blogue *Língua Portuguesa*, funcionando como interface de todos os blogues dos alunos do 7.º ano da Escola Básica Integrada de Vila Cova. Poder-se-ia dizer que o início deste projecto fora movido pelo impulso de reinventar a aula de língua portuguesa, de a tornar um espaço reflexivo na utilização da língua nos seus diversos registos e

modalidades. Pretendi motivar, cativar, despertar os alunos para o desenvolvimento de literacias essenciais, cujo domínio possibilitasse o desenvolvimento de métodos de trabalho e estudo, tratamento de informação, estratégias cognitivas e do domínio interpessoal e de grupo/socialização. Valerá a pena recordar a primeira entrada *razões de um blogue*, na medida em que consubstancia, em síntese, as linhas de actuação futuras, e passo a transcrever parte: “disse claramente a todos os alunos que pretendia fazer um portefólio digital que funcionasse como uma ferramenta, cuja mais valia estaria patente na promoção da autonomia, da interactividade e da integração de textos, representando um estímulo no incremento da leitura e da escrita” (Faria, 2007).

O recurso às TIC surge quase de uma imposição da Sociedade Digital, sendo os nossos alunos os mais lídimos portadores desse admirável mundo novo! No dizer de Castells (2004), “a Internet é o tecido das nossas vidas”. A aceleração no desenvolvimento das tecnologias e nanotecnologias, a descodificação do livro da vida e a manipulação do genoma humano, a nova economia, o fenómeno crescente da globalização, a crise do Estado-providência, o crescimento das assimetrias entre ricos e pobres, as desigualdades na repartição do conhecimento, a Internet, a desmaterialização dos processos produtivos e comerciais, o declínio das instâncias clássicas de socialização, e tantas outras transformações actuais, levam-nos a encarar o

futuro com apreensão e simultaneamente com expectativa de que poderemos tornar o mundo melhor.

A sala de aula dos nossos dias não se compadece com estas profundas mudanças tecnológicas, sociológicas, éticas e comportamentais, pelo que se vai transformando num espaço mais interactivo, um espaço aprendente, pilar e motor da sociedade. O blogue surge também dessa necessidade de dar respostas, que no fundo serão desafios complexos no processo de ensinar e aprender e aprender a ensinar. Depois, embora não explícito, creio que o princípio maior que deve reger a docência, a quinta-essência, se assim podemos chamar, é ter a convicção profunda da perfectibilidade do ser humano: crer na possibilidade autêntica que o outro tem em (re)descobrir-se, encontrar o seu carisma, o seu saber, em suma a capacidade de se aperfeiçoar.

2. FUNDAMENTAÇÃO

Tendo em conta as investigações realizadas em torno do fenómeno crescente da integração das tecnologias em contexto de sala de aula e na escola, evidenciam os testemunhos de muitos investigadores (cf. Cuban, 2001; Frassila & Pehkonen, 2005; Paiva, 2002; Wallin, 2005; entre outros) que a tecnologia em si mesma é anódina e até pode constituir um recurso contraproducente. É por demais consabido que os media educativos, por si só, não produzem eficiência na promoção do sucesso educativo ou no desempenho dos alunos; é, pois, imprescindível uma reconversão crítica dos paradigmas, métodos, estratégias, das planificações curriculares. Guilhermina Miranda (2007) sintetiza esta alteração liminar, sugerindo que esta deve verificar-se ao nível de “novos formalismos de tratar e representar a informação”; na intenção de “apoiar os alunos a construir conhecimento significativo”; e “desenvolver projectos, integrando (e não acrescentando) criativamente as novas tecnologias no currículo” (p. 44).

É, justamente, numa atitude crítica à euforia tecnológica que se vive no contexto nacional e internacional que nos posicionamos, partindo também do pressuposto de que a escola não pode ignorar os “nativos digitais”. É nesta premissa dialéctica que apresentamos esta reflexão acerca da integração das TIC na disciplina de Língua Portuguesa.

Na Conferência Internacional sobre o Ensino do Português, realizada em 2007, em Lisboa, foram enfatizadas algumas questões relacionadas com a promoção das literacias que a escola cultiva nos tempos actuais. Nesse contexto, face às profundas mudanças sociais que estamos a viver, os actos da leitura e da escrita já não se confinam exclusivamente aos livros: a leitura faz-se cada vez mais em diversificados suportes digitais e a escrita está a sofrer profundas alterações, não só ao nível dos suportes, mas também pela modelização linguística no plano morfossintáctico. Haverá, então, necessidade de reequacionar, sem deixar de ouvir os “nativos digitais”, quais as competências basilares de que a escola deve dotar os seus alunos na sua formação integral para o século XXI. E como responder a tamanho desafio? Efectivamente, à escola, exige-se uma atitude nada complacente em relação a uma linguagem anacrónica de um passado, ainda que próximo, e uma nova missão que passa necessariamente pelo desenvolvimento de uma *literacia informacional*, logo a partir da disciplina de Língua Portuguesa. Aos mais cépticos surge a inevitável questão da alteração de paradigmas, métodos e estratégias, formação de professores e outras questões, cuja pertinência inquestionável de toda uma reflexão conjectural acerca da aprendizagem através de ferramentas tecnológicas, jamais poderá ser ignorada.

Sabemos que as ferramentas digitais ao serviço da pedagogia e da didáctica no ensino do Português se encontram ainda numa fase potencial e pouco actual, encontrando-se para o facto um argumento crucial – o medo subtrai a capacidade de inovar, de reinventar novas práticas, novos métodos, novos paradigmas. Não quer dizer que a problemática da informação seja um fenómeno linear. Ela “emerge intrinsecamente ligada à expansão tecnológica mais rápida da história, a das tecnologias de informação e de comunicação” (Ilharco, 2004, p. 2). E, precisa Floridini (2004), na paráfrase que faz do tratado de *Metafísica* de Aristóteles: “tal como o ser, a informação pode ser dita de muitas formas, e essa correlação provavelmente não é acidental” (p.1). Decorre daqui que o fenómeno da informação se ajuste a muitas das variações de questões que, desde as origens da nossa civilização da Grécia antiga, têm marcado o modo humano de ser.

Numa complexa teia de intersecção, face a um presente inconstante e a um devir incerto, porque mutável ao nível de uma axiologia de valores individuais e colectivos, assistimos hoje nas nossas escolas ao desenvolvimento de espaços de aprendizagem cada vez mais dispersos,

menos tendentes a seguir paradigmas “santuarizados”, pelo que o papel das TIC redesenham, por si só, no limiar de um currículo intermédio e maleável, o que E. Morin chamou de “no man’s land”. No seu pensamento, “não se soube ver que muitas ideias nascem nas fronteiras e nas zonas incertas e que as grandes descobertas ou teorias nasceram de maneira frequentemente indisciplinar” (E. Morin, 1999, p. 492).

Numa tentativa constante de nos aproximarmos de uma escola cada vez mais exigente e geradora de aprendizagens num processo evolutivo, cremos que valorizar os princípios das teorias construtivistas¹ no processo ensino aprendizagem, centrando sobretudo a actividade da sala de aula no aluno e, portanto, menos no professor, é uma estratégia que parece, cada vez mais, trazer níveis de motivação e de eficácia. Será, pois, de valorizar esta perspectiva de aprendizagem, mais do que optar por uma aprendizagem orientada quase exclusivamente pelos princípios do Behaviorismo. Do ponto de vista didáctico-pedagógico, estamos perante o desafio de reconversão, implicando desta forma a construção de um *saber didáctico* que se aprende no dia-a-dia e, por conseguinte, pelo desenvolvimento de estratégias e concepções metodológicas que são uma consequência inevitável de encarar a sala de aula como um espaço e um tempo de uma situação-problema, que é sempre possível otimizar em consequência da experiência acumulada e da abertura à novidade. Consubstanciam, portanto, a radicalidade da sua importância no fundamento de que os alunos deverão estar na escola para aprender a aprender e visam desta forma o «desenvolvimento de processos que contribuam para que [os alunos] sejam progressivamente mais activos e mais autónomos na sua aprendizagem». (ME/DEB, 1999, p. 5). Dentro

¹ Afirmamos a opção deliberada e preferencial por esta teoria de aprendizagem associada a vários teóricos – Piaget, Dewey, Bruner, Vygotsky, entre outros, defendendo, em traços muito abrangentes, que o professor deverá ser um facilitador de aprendizagens e não se limitar a transmitir conhecimentos.

Apesar desta posição, não podemos ignorar a perspectiva de Siemens (2005) que reconhece a importância da conectividade, referindo que “we derive our competence from forming connections”. Neste particular, o autor salienta a importância de estabelecer conexões entre fontes de informação, como simultaneamente a de criar padrões úteis de informação. O autor acrescenta que as teorias da aprendizagem como o behaviorismo, cognitivismo e construtivismo não exploram o impacto das tecnologias, propondo por sua vez uma nova teoria: o conectivismo. Segundo Siemens, o conectivismo integra os princípios das teorias do caos, da rede, da complexidade e da auto-organização.

destas mesmas competências transversais a desenvolver, estão mais estritamente ligadas à utilização adequada do código linguístico aos contextos e às necessidades, ou seja, com as competências essenciais da língua materna e ainda com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação. (Decreto-Lei n.º 6/2001, art. 6º).

Num momento de transformação organizacional da escola, e estando esta a tentar dar à sociedade respostas mais eficientes, pensamos que a mudança terá de ser no sentido de formar os alunos para uma realidade presente, formadora de aprendedores. E, neste aspecto, julgamos que as TIC têm um papel extraordinário porque são meios democratizadores por excelência no acesso ao saber, na observância de uma aprendizagem que respeita o ritmo de cada aluno e no desenvolvimento de competências individuais; ao mesmo tempo, permitem novas formas de comunicação, de linguagem, de situações comunicacionais novas, mais próximas seguramente dos alunos. Poder-se-ia afirmar que, quando hoje se elege como um dos temas centrais a qualidade do sistema educativo, julgamos que as TIC contribuem para a diferenciação pedagógica, no sentido de responder à diversidade e heterogeneidade dos alunos. Aliás, “ao levar os alunos a utilizarem as ferramentas gratuitas e de fácil publicação existentes na Web está-se a contribuir para o desenvolvimento e preparação de cidadãos aptos para a sociedade da informação e conhecimento. E, deste modo, estamos a proporcionar condições para que os alunos aprendam com a tecnologia, apoiando-os na construção de significados” (Jonassen, 2007, p. 21).

3. DESCRIÇÃO DO PROJECTO

Cedo se percebeu que a tarefa de dinamizar / orientar as novas dinâmicas na sala de aula trazia consigo um grau de exigência de elevado investimento pessoal e profissional. Ter-se-ia de antemão de reequacionar quase tudo: planificação didáctica, estratégias, métodos, distribuição dos vários momentos da aula, etc. A par da consequente alteração das linhas didáctico-metodológicas, havia que proceder ao maior número de informação na área das tecnologias, quer por pesquisas autónomas, quer pela frequência e participação em encontros nacionais e internacionais.

Numa perspectiva agora mais empírica, far-se-á a apresentação das potencialidades e, depois, das actividades presentes no blogue *Língua Portuguesa*, disponível em <http://paulofaria.wordpress.com>, baseado no modelo de Oliver, Herrington, Herrington & Sparrow (2006). Antes, porém, são estabelecidos os três eixos potenciadores de uma aprendizagem centrada no aluno:

- *flexibilidade na aprendizagem*: mediante as indicações pode-se favorecer uma aproximação mais eficiente a cada aluno, sobretudo pela possibilidade de cada um poder seguir o seu próprio ritmo. Essa flexibilidade está muito associada ao desenvolvimento de múltiplas competências que o blogue proporciona, como o desenvolvimento de competências associadas à produção de texto escrito, ao domínio de certos serviços e ferramentas da web (Gomes, 2005);
- *motivação*: os nossos alunos estão cada vez mais predispostos à utilização das TIC, e em particular do blogue, muito por força de serem o que vulgarmente se denomina por “nativos digitais” em quase todas as actividades da sua vida; a sua inclusão na sala de aula é propiciar aos alunos o desenvolvimento de capacidades inatas. Podem também ser criados espaços imaginativos que incentivam os alunos na pesquisa, no estudo, na leitura, na escrita (Rodrigues, 2006);
- *solidariedade*: é nossa convicção que as TIC fomentam a partilha e desenvolvem a intercomunicação dentro e fora da escola, através de várias ferramentas, permitindo a intercomunicação entre pares, expondo de uma forma inequívoca parte significativa da produção dos alunos; porque o blogue também funciona como um e-portefólio ao longo dos três anos de escolaridade, que será a duração deste projecto.

Em esquema, poderíamos representá-lo como se apresenta na figura seguinte (figura 1).

FIGURA 1. Elementos-chave neste modelo de aprendizagem. (Baseado em Olivier, Herrington, Herrington & Sparrow, 2006).



O blogue *Língua Portuguesa* estrutura o seu *blogroll* em categorias. O destaque vai para a possibilidade de aceder a todos os blogues dos alunos a partir deste domínio: figuram todos os seus nomes por ordem alfabética. O Blogue incorpora também uma série de ligações que funcionam como ferramentas auxiliares da língua: i) a dicionários de sinónimos, antónimos, de verbos, de termos literários; ii) a sítios de divulgação de livros, como blogues temáticos, jornais, Plano Nacional de Leitura, etc; iii) a Plataformas virtuais de aprendizagem; iv) ao sítio da Escola; v) a sítios da Web com de conteúdo diversificado e de interesse para os alunos.

Numa descrição sumária da actividade desenvolvida no blogue, destacámos a diversidade de iniciativas através do esquema da figura 2.

FIGURA 2. Esquema-síntese das actividades do blogue.



4. METODOLOGIA

Em pleno Renascimento, Francis Bacon propôs um novo instrumento de conhecimento (*Novum Organum*) baseado na observação empírica de casos particulares, a partir dos quais e através do processo indutivo, inferia leis ou normas gerais. Serve o mote de inspiração para tecer considerações acerca das metodologias seguidas no decorrer destes dois anos. É certo que de início não foram delineadas linhas de actuação ou metodologias precisas no blogue como ferramenta digital ao serviço do ensino da língua portuguesa. Averiguou-se, em primeira instância, os níveis de *literacia informacional*, através de inquéritos orais e escritos. Daqui se recolheram dados importantes acerca do estado de desenvolvimento de cada aluno, tendo-se concluído que cerca de 90% por cento dos alunos não possuíam conta de e-mail; 40% tinham computador em casa; menos de 10% dos

computadores tinham ligação à Internet; o uso do computador repartia-se quase exclusivamente pela sua utilização em jogos e também pelo processador de texto; nenhum dos alunos tinha blogue ou tinha ouvido a expressão *post*.

Perante os dados apresentados em síntese, foi necessário encetar um trajecto de grande perseverança, que passava necessariamente pelo apoio individualizado a cada aluno em cada tarefa. Neste processo sequencial, e com o decorrer do tempo, foi decisivo o apoio entre pares e o do Coordenador TIC, o Professor Aires Vaz, na partilha de informações e na resolução de problemas de ordem técnica. Nos primeiros meses e como se poderá constatar, as propostas de trabalho feitas através do blogue foram sensivelmente bimensais.

Hoje, ultrapassados os constrangimentos ao nível técnico, todos os alunos têm um domínio das principais funcionalidades que o blogue exige; um número significativo utiliza com alguma facilidade software para a edição de imagens e texto e um grupo mais restrito visita e deixa comentários várias vezes por semana.

Convém ainda notar que, da minha parte, há uma preocupação permanente no acompanhamento das actividades que cada aluno desenvolve. Revelam-no os comentários no blogue *Língua Portuguesa* e, sobretudo, nos blogues dos próprios alunos, de forma a orientar, corrigir, sugerir ou tão-somente para estimular respostas aos desafios colocados. Sempre que possível, complementam-se as informações nas aulas de língua portuguesa ou na Biblioteca nos tempos disponíveis.

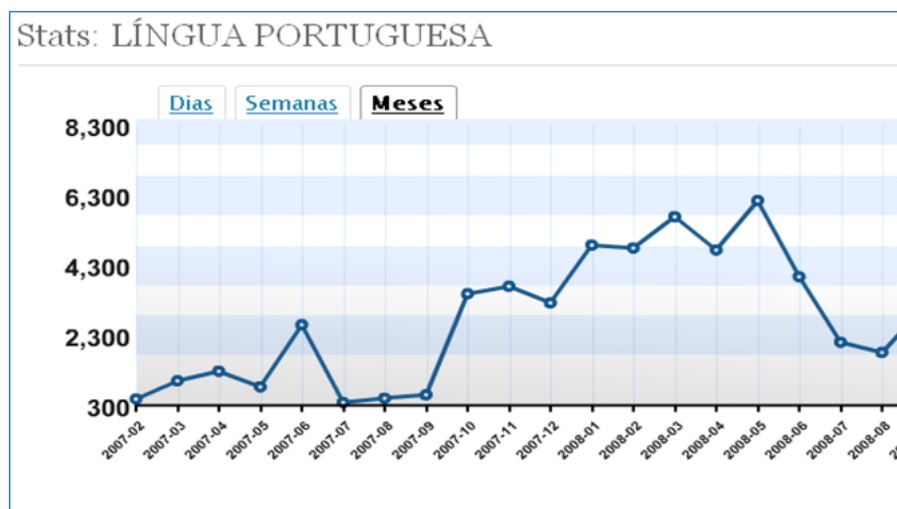
5. RESULTADOS

Muito provavelmente esta é a experiência que desenvolvi com mais sucesso ao longo da minha actividade como professor de Língua Portuguesa. Embora seja a inovação uma característica intrínseca ao ofício de ensinar, creio que a integração das TIC veio trazer um espaço renovado na intervenção pedagógica e que se traduz na forte motivação dos alunos para a realização das tarefas propostas. Ainda sem dados conclusivos para apresentar, há evidências reveladoras que este projecto gerou dinâmicas individuais e grupais que merecem uma reflexão, e que passo a explicitar.

O blogue *Língua Portuguesa*, numa primeira análise, veio dar visibilidade às actividades realizadas na sala de aula: de um momento para o outro, o que se fazia exclusivamente num ambiente fechado na sala de aula passou a ser visto, comentado, criticado por outras pessoas. Este aspecto constituiu motivo de discussão quase fracturante, nomeadamente pelo facto de os textos colocados e consultáveis por toda a blogosfera, conterem imprecisões ao nível ortográfico, sintáctico e semântico, mesmo com a supervisão (possível) do professor. Todavia, esta situação nova gerou um dinamismo, um sentido de responsabilidade, de criatividade, de consciência reflexiva e crítica, de autonomia inquestionáveis e incomparáveis. Depois, creio que a maior parte dos alunos desenvolveram aprendizagens de uma forma mais significativa porque estavam mais envolvidos e se sentiam cada vez mais indivíduos activos, pelo incremento de novas ideias, do sentido de partilha, de colaboração e dos princípios de socialização. Em suma, há uma tentativa clara de experimentar os conceitos de interactividade, de cooperação e colaboração suportados nas teorias construtivistas, conforme já referido atrás.

A seguir temos uma percepção da evolução das visitas ao blogue, iniciado em Fevereiro de 2007 (ver figura 3).

FIGURA 3. Evolução das visitas ao blogue



Dentro da avaliação, realizámos um inquérito com o objectivo de os alunos poderem expressar livremente as suas opiniões acerca dos contributos do blogue nos vários domínios da língua portuguesa. O inquérito foi realizado *on-line*, tendo sido garantido o anonimato, e estava estruturado em cinco questões: inquiria-se acerca do contributo do blogue para: 1 – ler mais (0%); 2 – escrever mais (10%); 3 – ler e escrever mais e melhor (90%); 4 – me divertir (0%); 5 – não alterou nada (0%).

Das estratégias para divulgar e também para obter feedback externo, destaco três. A primeira foi a publicação de um trabalho, tendo por base uma experiência realizada com recurso a ferramentas digitais. (<http://paulofaria.wordpress.com/2007/12/23/uma-experiencia-em-livro/>).

Depois, apresentámos o poster, na V Conferência Internacional de Tecnologias de Comunicação da Educação, que decorreu em Braga, na Universidade do Minho. (<http://paulofaria.wordpress.com/2007/05/>)

Finalmente a Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, distinguiu o nosso trabalho no âmbito do *Desafio - Promovendo a Inovação e a Criatividade – Modalidade Exemplo de Boas Práticas*, tendo representado as Escolas do 3º Ciclo e Escolas Secundárias numa conferência dedicada à Educação realizada na Eslovénia no âmbito da Presidência Eslovena do Conselho da União Europeia.

6. LÍNGUA E CULTURA

Uma das funções do blogue *Língua Portuguesa* é divulgar sítios *on-line* que possam ajudar o desenvolvimento cultural dos alunos. No início deste projecto, esta modalidade não foi explorada; entretanto houve a percepção de que havia um interesse manifesto, por parte dos alunos, pelo conhecimento de novidades. Assim, encontramos agora no blogue a divulgação de notícias culturais relativas a assuntos genéricos. A título ilustrativo, e decorrente da leitura de um aluno, foi questionado quem era Miró. Este foi o ponto de partida para se colocar uma entrada relativa ao pintor.

(<http://paulofaria.wordpress.com/wp-admin/post.php?action=edit&post=148>).

A divulgação de livros e de escritores ocupa uma parte substancial das publicações do blogue. Para além de várias referências ao Plano Nacional de

Leitura, há a preocupação de divulgar escritores e livros. Por vezes, há escritores que não fazem parte do currículo, mas tendo em conta que fazem parte da formação literária e geral do indivíduo, são muitas vezes tema de discussão e oportunidade para que os alunos conheçam novas formas de expressão e alarguem a sua sensibilidade estética e literária. A este propósito, Vinicius de Moraes, Manuel Jorge Marmelo, Steinbeck, Pablo Neruda, Jorge Luís Peixoto, Almeida Garrett, Ruy Belo entre outros, foram escritores descobertos pelos próprios alunos, mesmo tendo presente que o professor acompanha estas descobertas.

(<http://gabyvb.blog.pt/3940420/>)

As efemérides e datas comemorativas merecem uma atenção particular, na medida em que são datas que permitem, de uma forma natural, falar de um livro, de um escritor, de uma estória. A data de nascimento ou morte de um escritor pode constituir uma oportunidade para abrir uma discussão, para iniciar a apresentação, ainda que feita de forma telegráfica. Estas actividades, para além de permitirem expandir os conhecimentos dos alunos, têm contribuído para desenvolver competências ambivalentes e, numa primeira análise, contrárias. Senão, vejamos: cada aluno tem criado notoriamente preferências sobre este ou aquele escritor; por outro lado, vai criando também uma espécie de cânone, de preferências, segundo a sua experiência de leitura; por outro, esta capacidade crítica e reflexiva não leva automaticamente à formação de estilo ou de uma forma de expressão com marcas evidentes de um cunho pessoal. Notam-se evidências frequentes de uma identificação com o(s) seu(s) autor (es) predilectos, seguindo o seu estilo, a sua forma de expressão. (<http://pedrofr.wordpress.com/>)

Quanto à expressão escrita, uma das actividades de grande relevo foi um desafio lançado no âmbito de várias iniciativas de escrita criativa: os alunos tinham de dar continuidade a uma narrativa de um escritor. Exemplos deste trabalho, relativos a Luísa Ducla Soares, Jorge Reis-Sá e Jorge Manuel Marmelo, podem ser encontrados nos blogues dos alunos: Resposta ao desafio de Luísa Ducla Soares (<http://sofiavale.blog.com/2211289/>); resposta ao desafio de Jorge Manuel Marmelo (<http://anacbvioso.blog.com/2203154/>); resposta ao desafio de Jorge Reis-Sá (http://dulce_enes.blogs.sapo.pt/3538.html).

7. AVALIAÇÃO

A configuração de um ambiente de grande interactividade não é garantia de sucesso no processo ensino-aprendizagem. Em boa verdade, pensamos que a emergência deste espaço virtual tem permitido capacitar os alunos para uma aprendizagem mais significativa e, acima de tudo, tem desenvolvido o seu espírito crítico, em relação a si próprios e aos outros.

Dentro das teorias desenvolvidas por Vygotsky, a colaboração entre pares perfilha a ideia da interposição de estratégias, que promovam a resolução de problemas através de processos cognitivos ancorados na interacção. A par das potencialidades intrínsecas acima enunciadas, a avaliação reveste-se de uma importância capital neste domínio. Tendo em conta que o processo de avaliação na educação básica visa regular as competências nucleares definidas, dever-se-á ter, desta forma, presentes os níveis de proficiência linguística de cada aluno, no início de cada ano/ciclo, e desenvolver a partir daí medidas conducentes (i) a uma avaliação predominantemente formativa, (ii) que reflecta as aprendizagens de cada aluno, (iii) que tenha um sentido dinâmico, isto é, desenvolvida ao longo de todo o processo ensino-aprendizagem.

Uma das virtualidades do blogue é a possibilidade de o professor poder avaliar as respostas aos desafios colocados e perceber a evolução ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Desde o início se estipulou que os comentários do professor teriam a dupla intencionalidade de incentivar e simultaneamente levar os alunos a reflectir acerca da sua produção escrita, havendo em muitos casos a necessidade de corrigir, de reescrever o que havia sido escrito.

Relevantes são também os comentários provenientes de professores das outras áreas curriculares, na medida em que se tornam cooperantes de todo este processo; os comentários de outros membros da blogosfera também são, na sua maioria, oportunos porque incentivam o nosso trabalho, são a voz crítica das nossas realizações. O blogue tem também uma supervisora científica, a professora doutora Altina Ramos da Universidade do Minho, que é sobretudo uma amiga crítica, pelas sugestões, comentários e pela orientação que nos transmite em todos os momentos.

Todos os finais de período, e informalmente sempre que se considere oportuno, os blogues são avaliados através de comentários orais e escritos, tendo presente que há uma percentagem 20% nos critérios de avaliação para o domínio da produção escrita. A avaliação entre pares também é uma constante, na medida em que os alunos comentam internamente os seus trabalhos e elegem no final do período os melhores blogues, havendo lugar a prémios.

8. CONCLUSÃO

Para preservar o mundo contra a mortalidade dos seus criadores e habitantes, é necessário constantemente restabelecê-lo de novo. O problema é saber como educar de forma a que esta recolocação continue a ser possível, ainda que, de forma absoluta, nunca possa ser assegurada. A nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo, mas precisamente porque só nisso pudemos basear a nossa esperança e tentarmos controlar o novo que nós, os velhos, pretendemos desse modo decidir como deverá ser. E justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança, a educação deve ser conservadora. Ela deve proteger a novidade e introduzi-la como uma coisa nova no mundo velho, mundo que, por mais revolucionárias que sejam as suas acções, do ponto de vista da geração seguinte é sempre demasiado velho e está sempre demasiado próximo da destruição. (Arendt, 2000:47)

Enquanto partes integradoras de uma cadeia com relações cada vez mais indefinidas, só temos consciência de que o processo se encontra numa fase de pleno desenvolvimento, longe, portanto, de estar concluído. A par desta realidade, temos presente que os nossos alunos tendem a expressar-se através de uma linguagem com características específicas, codificada a partir de uma diversidade linguística e cultural difícil de definir.

Creemos que é determinante em todo este processo de integração das TIC na sala de aula “que os professores possam beneficiar do potencial dessas tecnologias em termos do seu próprio desenvolvimento profissional, mas sobretudo, para poderem utilizá-las com os seus alunos, proporcionando-lhes situações de aprendizagem inovadoras, mais interessantes e mais próximas da realidade envolvente” (Costa, 2003. p.1).

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDRT, H. (2000). *Quatro textos excêntricos*. Hannah Arendt, Eric Weil, Bertrand Russel e Ortega y Gasset. Col. Filosofia da Educação. Lisboa: Relógio de Água, pp. 21-53.
- CASTELLS, M. (2004). *A Galáxia da Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COSTA, F. (2003). Ensinar e aprender com tecnologias na Formação Inicial de Professores. In A. Estrela & J. Ferreira 8 (eds.), *A Formação de professores à luz da investigação* – Livros de Actas do XII Colóquio da AFIRSE. Lisboa: Afirse, pp. 751-763.
- CUBAN, L. (2001). *Oversold and Underused. Computers in the classroom*. London: Harvard University Press.
- FARIA, P. (2007). *Língua Portuguesa*. Disponível na Internet <http://paulofaria.wordpress.com>. Consultado em 18 Setembro de 2008.
- FLORIDI, L. (2004). *The blackell guide to the philosophy of computing and information*. Blackwell, Londres.
- FRASSILA, H. & PEHKONEN, M. (2005). Why do ICT-strategy implementation in schools fail and ICT - practices do not develop? In *Media Skills and Competence Conference Proceedings*. Tampere, Finland, pp. 9-16.
- GOMES, M. (2005). *Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica*. In *Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa*. Portugal: Leiria – 16–18 de Novembro de 2005, pp. 311- 315.
- ILHARCO, F. (2004). *Filosofia da Informação: introdução à informação como fundação da acção, da comunidade e da decisão*. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa.
- JONASSEN, D. (2007). *Computadores, ferramentas cognitivas*. Porto: Porto Editora, p. 21.

- MIRANDA, G. (2007). Limites e possibilidades das TIC na Educação. *Sísifo, Revista de Ciências da Educação*, n.º 3, pp. 41-50.
- MORIN, E. (1999). Os desafios da complexidade. In E. Morin (Org.). *O desafio do século XXI. Religar os conhecimentos* Lisboa: Instituto Piaget, pp. 491-497.
- PAIVA, J. (2002). As Tecnologias de Informação e Comunicação: utilização pelos professores. Lisboa: Ministério da Educação – DAPP.
- RAMOS, A. (2007). Paineis: O Digital e o Currículo. (Org) Altina Ramos in Actas da V Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação, sobre Digital e o Currículo, Braga: Universidade do Minho, (273).
- RAMOS, A. (2005). *Crianças, tecnologias e aprendizagem : contributo para uma teoria substantiva*. Tese doutoramento em Estudos da Criança, área de conhecimento de Tecnologias da Informação e Comunicação. Universidade do Minho
- SIEMENS, G. (2005). Connectivism: A learning theory for the digital age. *International Journal of Instructional Technology & Distance Learning*, 2. Consultado em Fevereiro de 2008, em http://www.itdl.org/Journal/Jan_05/article01.htm.
- WALLIN, E. (2005). The Rise and Fall of Swedish Educational Technology 1960-1980. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 5, pp. 437-460.

Abstract: The integration of digital tools in the classroom in the age of web 2.0 diversifies the resources, allows the peer-contribution and shifts focus to the student enabling their curricular and civic enrichment. To achieve this purpose making an appropriate planning of the resources to be used as well as its clear connection with the contents is required. In this context: i) we acknowledge the importance of a change in the theoretical and methodological frameworks in the teaching-learning process, with the development of basic skills in the Portuguese language; ii) we present the blog *Língua Portuguesa* highlighting its contribution to improve both the reading and listening skills in 3º ciclo students.

Key words: Portuguese language, blog, digital tools, writing, reading, evaluation.

Texto:

- Submetido em Outubro de 2008
- Aprovado em Novembro de 2008

Como citar este texto:

FARIA, Paulo (2008). Integração Curricular das Tecnologias Educativas no Ensino da Língua Portuguesa: um blogue para desenvolver a leitura e a escrita. In *Educação, Formação & Tecnologias*; vol.1 (2); pp. 11-20, Novembro de 2008, disponível no URL: <http://eft.educom.pt>.